

Para acabar com o decrescimento - algumas proposições de Ars Industrialis

por Christian Fauré e Bernard Stiegler.

O decrescimento¹²

e a transformação do modelo industrial

1. Produtivismo e consumismo

O século XIX viu a sociedade industrial se formar e se transformar com o desenvolvimento da máquina a vapor e das redes ferroviárias. Este modelo industrial, que repousava sobre o produtivismo e a captação dos ganhos de produtividade resultantes do maquinismo, com benefício exclusivo da burguesia, entrou em crise no fim do século XIX.

1 No original francês, *La mécroissance*. Os traduções americanos de Bernard Stiegler, optam por traduzir esta palavra como “stunted growth”, ou seja, “crescimento atrofiado”, “crescimento definhado”. Em português, preferimos utilizar a expressão: “decrescimento” (N do T).

2 Texto extraído de *Pour en finir avec la mécroissance - Quelques propositions d'Ars Industrialis*, Christian Fauré, Bernard Stiegler, éd. Flammarion 2009
Projeto Revoluções [*Para acabar com o decrescimento*] Bernard Stiegler1

Esta crise prosseguiu no início do século XX. Ela constituiu um das causas da primeira guerra mundial, e gerou, nos Estados Unidos, um novo modelo industrial, fundado no consumismo. Novos ganhos de produtividade, decorrentes da organização taylorista do trabalho, foram então obtidos no setor da indústria automobilística, por meio da qual a metalurgia, combinada à petroquímica que fornecia o combustível do motor Lenoir, tornou-se o coração do sistema industrial.

Foi esta nova produtividade do setor automotivo que provocou a ampliação dos mercados de bens industriais a todas as camadas sociais: feito em 1908, o Ford T, que representa esta virada, está na origem do que se chamará mais tarde de modo de vida americano. Em 1914, foram produzidos 250.000 exemplares daquele modelo.

A combinação metalurgia/petroquímica engendrou o desenvolvimento de redes rodoviárias, ganhando preponderância sobre aquele das redes ferroviárias, surgidas no século precedente. Mas ela provocou igualmente o desenvolvimento das redes de distribuição de filmes e de programas de rádio³, isto é, a criação de infraestruturas próprias às indústrias culturais, por meio das quais se configurou, exemplificou e disseminou o novo modo de vida americano e consumista. Durante este tempo, o crédito ao consumo se tornava progressivamente uma das principais atividades do setor bancário.

Por conta destas transformações – e da política keynesiana desenvolvida após a grande depressão de 1929 -, que se tornaram rapidamente mundiais, abalando as relações internacionais tanto quanto as paisagens e os modos de vida, que as classes médias apareceram nos países industrializados. Após a segunda guerra mundial, e durante os anos de reconstrução e de concorrência entre os blocos do Oeste e do Leste, difundiu-se o ideal de um acesso de todos ao “conforto moderno” característico dos “trinta gloriosos”. Neste novo modelo industrial, o consumidor não é mais um

3 Da mesma forma que as redes ferroviárias viram crescer, paralelamente as suas linhas, ligações telegráficas e telefônicas à serviço da circulação financeira e econômica, e da constituição de mercados nacionais.

burguês: é um produtor que dispõe, ao mesmo tempo, de uma *força de trabalho* e de um *poder de compra* – que transforma sua força de trabalho em mercadoria (direta ou indiretamente) e, simultaneamente, em poder de compra (seus ganhos vão além da mera “reconstituição de sua força de trabalho”).

2. *O esgotamento do modelo consumista: mécroissance e “deseconomia”*

Em 10 de outubro de 2008, cem anos após o aparecimento do Ford T, o crack na bolsa pelo qual se cristalizou a mais grave crise econômica desde 1929 viu a ação da empresa General Motors perder 33% do seu valor em um único dia. Ao longo de todo o ano de 2008, a capitalização da bolsa da maior parte dos grandes fabricantes automotivos caiu três quartos do seu valor – 80 % para a General Motors, 75% para a Ford no mês de novembro de 2008. Tornou-se evidente que o processo que se iniciava em agosto de 2007 era muito mais grave que uma simples “crise sistêmica” do “capitalismo financeiro”: 2008 terá sido o ano do fim de um modelo – aquele que foi o produtor do *american way of life* e da sociedade de consumo.

No mês de novembro de 2008, Michael Robinet, vice-presidente de uma consultora especializada na indústria automotiva, declara que::

o automóvel era o símbolo do *American Way of Life*. Ora, este modo de vida revelou uma catástrofe. É absolutamente preciso mudar nossa maneira de ser e de consumir...É claro que é preciso nacionalizar. Este setor tem necessidade de um controle governamental. Seu modelo industrial está morto⁴.

A Ford licencia e pede ajuda para o Governo federal americano, da mesma maneira que a General Motors e a Chrysler, que se declararam, elas próprias, no limite da falência. A indústria

4 *Le Monde* de 21 de novembro de 2008.

automotiva, que foi a ponta de lança do modo de vida americano, é sustentada com dificuldade por uma administração americana pressionada a intervir. Este movimento não é conjectural, mas estrutural: a indústria metalúrgica e a petroquímica entraram na sua fase de declínio.

Mas se “o século do automóvel” e a “era do petróleo” realmente terminaram, também a televisão, as indústrias de programas, as indústrias culturais em geral (a indústria do disco perdeu a metade do seu volume de negócios em cinco anos, destino induzido pela numerização que ameaça igualmente o cinema) e a maior parte das mídias tradicionais estão igualmente – e isto, muito antes de 2008 – numa crise profunda, sofrendo com o desinteresse de uma parte continuamente crescente da população, em particular da juventude, e suscitando com frequência um verdadeiro descrédito.

Muito além do automóvel e da combinação metalurgia/petroquímica, é o sistema econômico, industrial, financeiro do século XX no seu conjunto que se mostra caduco, e, com ele, o consumismo em geral, e isto para todos os produtos industriais – aí compreendidos os culturais. Pois um outro modelo comportamental, colaborativo e contributivo, apareceu antes mesmo que o consumismo revelasse seus efeitos maciçamente tóxicos, que se combinaram à toxidade subitamente revelada dos “ativos tóxicos” por meio da catástrofe dos *subprimes*.

Este novo comportamento, próprio às sociedades hiperindustriais nas quais vivemos, está fundado sobre uma nova era da reticularidade em que se desenvolvem tecnologias relacionais numéricas. Com estas (sites, blogs, sites de compartilhamento de vídeos, wiki, “redes sociais”, tecnologias colaborativas em geral), são as relações sociais no seu conjunto que se transformam em profundidade, levantando uma nova questão política, e abrindo uma nova perspectiva econômica:

- A nova questão política é aquela da sociedade reticular e

da ecologia relacional.

- A nova perspectiva econômica é aquela da contribuição, que não se inscreve mais no modelo produção/consumo.

O modelo industrial consumista morreu, isto é, *terminou*: nós vivemos, com isso, uma revolução. Esta revolução é o fim de um mundo. Mas não é o fim do mundo.

O que terminou é o mundo do consumo e do modo de vida que tinha se iniciado com Henry Ford e com a combinação metalurgia/petroquímica/indústrias culturais. Com Ford, que instaura na metalurgia o trabalho em série, encenado por Charlie Chaplin em *Les temps modernes*, a produção automotiva americana foi multiplicada por vinte entre 1907 e 1914. Todavia, uma tal produtividade não é viável senão com a condição de escoar os automóveis nos mercados de massa, o que supõem mídias de massa. Estas serão essencialmente audiovisuais.

O modelo consumista culmina após a Segunda Guerra Mundial, quando “o veículo” se associa à “telê”. Todavia, ao longo dos anos 1970, a aparição da telemática, isto é, das redes de teletratamento, do *remote control* e de bases de dados resultantes da aproximação entre informática e telecomunicações, torna possível numerosíssimas transformações econômicas, de início no plano financeiro (o crack de 1987 é, em parte, induzido pelos programas de *trading* ligando entre si as bolsas do mundo inteiro 24h por dia), depois no domínio da produção (a usina controlável à distância se torna deslocalizável ou “externalizável” - é “a empresa em rede”), e, finalmente, nos setores da logística, da distribuição, do comércio e dos serviços.

Combinadas à descolonização e à queda do muro de Berlim, estas novas realidades reticulares aceleram a mundialização do capitalismo de consumo a um tal ponto que a supremacia ocidental pela condução do devir industrial planetário é imediatamente questionada: é o que descobre o século XXI nascente. Ora, esta forma realizada, senão concluída, de um processo de mundialização que começou cinco séculos antes,

favorece uma dissociação entre o sistema financeiro e o sistema de produção industrial chamada de financeirização. O fim da supremacia ocidental é induzido pela *desocidentalização do capital*, que se torna, ele próprio, essencialmente especulativo: ele não investe mais, nem nas empresas, nem nas economias nacionais. Ele joga – e é isto o que se chama de “economia casino”. E como sempre, os casinos atraem as máfias – que rapidamente os dominam.

O que Paul Valéry via chegar desde..., à saber, que a tecnologia industrial ocidental estava destinada a deixar o Ocidente⁵, leva então a uma planetarização do capital financeiro que tem por consequência uma modificação fundamental da sua relação com a empresa industrial: o capital se deslocando sistematicamente, e se tornando, ao mesmo tempo, cada vez mais especulativo, o acionariado é intrinsecamente volátil, e *é o investimento propriamente falando que tende a desaparecer*. Com isso, é a possibilidade de projetar à longo prazo o destino humano, e então de formar uma vontade coletiva, que parece se tornar impossível – enquanto que o crédito ao consumo se desenvolve sobre a base de uma diluição da responsabilidade financeira, que conduz o capital rumo a um funcionamento ultra-especulativo e mortífero. Assim se instalam *a ilusão da impotência e a realidade do descuido*.

Ilusão, pois este devir é um estado de fato, e não de direito – no qual aqueles que querem nos fazer acreditar que “não há alternativa” ao devir-máfia do mundo apenas protegem suas rendas adiconais⁶ contra um processo revolucionário.

Descuido, pois um tal sistema é intrinsecamente precário, e ele se revela, no fim das contas, aos olhos de todos, ser maciçamente tóxico quando entre agosto de 2007 e outubro de 2008, ele colapsa e se assume encerrado.

É, com efeito, um processo revolucionário que se

5 Ela passa de 25.000 unidades em 1907 à 485.000 em 1914, das quais 250.000 Ford T.

6 No original, “rentes de situation”. Em francês, esta expressão designa um aumento de rentabilidade resultante de uma vantagem competitiva de uma empresa frente aos seus concorrentes (N do T).

desenvolve sob nossos olhos, no curso de 18 meses, no qual o mundo que estava instalado no século XX começou a desaparecer ao longo da reação em série desencadeada pela combinação de seis fatores:

- os efeitos destruidores da diluição da responsabilidade financeira;
- a pressão sobre os salários que pretendia compensar este aumento insustentável de crédito;
- a pressão exercida sobre as empresas por um acionariado exclusivamente especulativo;
- os comportamentos de consumo desastrosos para o meio-ambiente e para o destino das gerações futuras;
- o esgotamento do principal recurso energético;
- os efeitos da passagem aos limites, que descrevia René Passet em 1979, após o relatório *Halte à la croissance* (1970) e o “choque pretolífero” de 1973.

Desde os anos 1970, com efeito, e após a crise de 1968, que foi a primeira grande denúncia da “sociedade de consumo” (e não somente daquela da “proibição de proibir” que parece, ao contrário, se colocar a serviço de uma liberação total do consumo⁷), o esgotamento dos recursos energéticos é anunciado ao mesmo tempo em que é denunciado o irresistível agravamento das *deseconomias*, isto é, das externalidades negativas⁸ – estas exprimindo em termos econômicos a crise ambiental (poluição da atmosfera e dos meios naturais, escassez de água, desregulação climática, poluição mental e perturbações psicossociais resultantes, etc.) -, enquanto que a aceleração extrema do crescimento demográfico torna evidente o fato de que estas

7 Eu propus uma análise deste paradoxo aparente em *Mécréance et discrédit 3. L'esprit perdu du capitalisme*.

8 “A externalidade ou efeito externo designa uma situação econômica na qual o ato de consumo ou de produção de um agente influi positiva ou negativamente na situação de um outro agente não-implicado na ação, sem que este último seja totalmente compensado à pagar pelos danos/benefícios engendrados”. Wikipedia, artigo *Externalidade*. Sobre as externalidades positivas, cf. Yann Moullier-Boutang, *Le capitalisme cognitif*, pp....., et *infra*, p.....

evoluções são propriamente insustentáveis, o que o próprio Claude Lévi-Strauss sublinhará na aproximação do seu centésimo aniversário.

Estes fatores, no seu conjunto, engendram uma situação em que são as condições de funcionamento do sistema que são destruídas pelo próprio crescimento deste sistema – o que René Passet chama de passagem aos limites, referindo-se à teoria dos sistemas⁹. Nós chamaremos aquela de *decrescimento* [*mécroissance*]. O decrescimento é uma deseconomia. Isto é, ele consiste num processo de destruição da economia: ele é anti-econômico, se é verdade que repousa sobre o desperdício e induz a autodestruição, enquanto que a economia repousa sobre o crescimento concebido como ramificação, crescimento e reserva para a abertura de um futuro mais próspero que o presente.

Que o decrescimento se torne evidente aos olhos de todos – e isto se exprime na vontade de “refundar o capitalismo” ou o contrário – significa que o chamado sistema “do crescimento”, e que era o nome do consumismo, é um estágio terminado do capitalismo industrial. Então, a questão se torna identificar as possibilidades de constituição de um novo sistema.

3. *Um novo modelo industrial fundado sobre a externalidade positiva induzida pelas tecnologias relacionais reticulares*

A série de passagens aos limites que descrevia Passet há trinta anos se combina com a crise de confiança mundial desengatilhada pelo colapso do sistema de *subprimes* – enquanto que a eficácia dos desfalques de Bernard Mardoff, que revela isto que o jornal *Le Monde* chamava “o encegamento da elite da finança”, mostra a qual nível de *ininteligência econômica* e finalmente de *equivoco sistêmico* puderam cair as “elites” autoproclamadas atrizes e, finalmente, vítimas, elas próprias, da ideologia ultraliberal – após os escândalos de Enron/Andersen

consulting, da Parmalat, da Airbus industrie/Noël Forgeart¹⁰, etc...

Assim, acreditar que esta crise sistêmica se limita, como único efeito da financeirização, ao sistema de financiamento – enquanto os que continuam a defender este, acreditando poder reformá-lo, tentam precisamente reduzir suas causas às inadimplências e às excessivas indenizações contratuais [*parachutes dorés*] – seria um grave erro. A financeirização, que tende a separar o capital financeiro do capital industrial, é uma consequência disto contra o que já lutava Ford: a baixa tendencial da taxa de lucro. A crise que recentemente explodiu no coração mesmo do capitalismo financeiro, revelando a sua toxicidade intrínseca, é a confirmação desta tendência estruturalmente descendente, e a crise industrial generalizada e planetária, da qual ela apenas foi o detonador, resulta, da conjugação de três limites estruturais do capitalismo de consumo:

- a baixa tendencial da taxa de lucro,
- a baixa tendencial da economia libidinal – tendência descendente do desejo que se torna estrutural quando a energia libidinal é industrialmente explorada,
- a passagem aos limites, que destrói o sistema do interior.

Marx evidencia que o sistema produtivista do século XIX, em que os ganhos de produtividade eram realizados em benefício exclusivo da grande burguesia financeira, da média burguesia dos empresários, e da pequena burguesia assegurando a reprodução deste modelo social, só podia encontrar rapidamente um limite conduzindo à superprodução. Para esta, o fordismo encontra um remédio, fazendo dos produtores proletarizados não apenas os fornecedores de uma força de trabalho, mas os detentores de um poder de compra, isto é, de uma capacidade de consumo ultrapassando a reconstituição única da suas força de trabalho. O fordismo inventa assim o sistema de produçãoz/consumo que

colocava em questão a análise marxiana e que supunha a canalização do desejo dos consumidores e a conversão da sua economia libidinal em direção às mercadorias pelas quais eram constituídos os mercados de massa.

Ora, no fim do século XIX, é o modelo consumista que está, por sua vez, ameaçado por seu próprio limite: a energia libidinal é destruída por sua captação industrial, o que significa que sua exploração industrial engendra estruturalmente a baixa tendencial. É assim que a passagem aos limites – anunciada pelo MIT à pedido do Clube de Roma, depois por René Passet – associa-se, e *como intoxicação sistêmica e generalizada*, ao mesmo tempo

- a crise de confiança induzida pela diluição sistêmica de responsabilidade,
- ao desinvestimento a que conduz a financeirização, que é, ela própria, um efeito da baixa tendencial da taxa de lucros,
- à baixa tendencial da energia libidinal, isto é, à desmotivação (que atinge tanto os consumidores quanto os produtores¹¹ e os investidores¹²).

No modelo fordista/consumista, as indústrias culturais tem por função assegurar a captação da atenção dos consumidores (e dos produtores pela mesma anestesia) em vista de canalizar os desejos individuais e coletivos por intermédio da indústria do fantasma, que começa com a usina de sonhos construída em Hollywood ao mesmo tempo que Ford constrói suas usinas de montagem em Michigan. O sistema se aperfeiçoa com o aparecimento da rádio civil em 1920, que inventa os principais conceitos das indústrias de programas, e, em particular, com a grade horária que toma o controle do calendário individual e coletivo – com a ajuda dos financiamentos publicitários.

No fim do século XX, esta captação da atenção e esta

11 CE2, MD3, RLM

12 Um especulador é um capitalista que não acredita mais no investimento.

canalização da energia libidinal não são apenas asseguradas pelo cinema e pela rádio, mas também, e sobretudo, pela televisão. Todavia, elas se tornam assim contra-produtivas: elas esgotam e destróem a atenção e o desejo, padronizando as existências e induzindo o sentimento de não mais existir¹³, destruindo os circuitos sociais em que se formam o desejo, e, em primeiro lugar, os processos de identificação primária, constituídos no círculo familiar. e de identificação secundária, projetada nos saberes graças às instituições de programas que são as escolas e os estabelecimentos de ensino. A hegemonia da indústria de programas audiovisuais generaliza, então, uma sociedade depressiva, pulsional e viciada – em que a pulsão do consumir, que se liga àquela dos espectadores, é também a organização sistêmica da irresponsabilidade.

Tendo imposto o reino do curto prazo ao qual o consumo está consagrado por essência – pois, como já o tinha compreendido Galbraith, na concepção “consumista” forjada pelo marketing, o consumo é sempre aquele da “novidade” por ela mesma¹⁴ -, tendo também concedido impagáveis empréstimos à longo prazo em vista de sustentar o setor imobiliário, sustentar a construção e fundar uma sociedade de “proprietários”¹⁵ oprimidos pelas hipotecas, organizando maciçamente, ao mesmo tempo, a diluição da responsabilidade individual tanto quanto bancária e pública, generalizando a irresponsabilidade, desacreditando em alguma medida o próprio crédito, enquanto que são pilhados pelos mesmos mecanismos de financeirização irresponsável os patrimônios das empresas industriais, em particular por meio de práticas de LBO, o modelo consumista que se financeirizou maciçamente após a “revolução conservadora” para lutar contra a baixa tendencial de taxas de lucro se revela, agora, auto-destruidor – a taxa de lucro não se mantém senão se tornando uma espécie de extorsão, pela qual pagaram os refugiados econômicos do interior que vivem nos EUA sob tendas, tendo sido expulsos de suas casas

13

14 Cf. infra

15 Objetivo igualmente partilhado por Nicolas Sarkozy.

Projeto Revoluções [*Para acabar com o decrescimento*] Bernard Stiegler11

que não valem mais nada “no mercado”, e que são resgatados pelos marginais em troca de um bocado de pão.

A “revolução conservadora”, que é a ideologia política que acompanha o fato econômico da financeirização, defende a liquidação sistemática da ação pública dos Estados em matéria de economia industrial, e sua substituição pela “lei do mercado”. Mas, o que revala a crise atual, é que uma tal política de liquidação de toda ação pública, que se traduz por um processo desenfreado de desfiscalização, de desregulação e de desregulamentação, conduz à uma toxicidade generalizada e a um curto-prazismo estrutural no mesmo momento em que o imperativo de reconstruir, em escala planetária, projetos de investimentos à longo prazo e à longuíssimo prazo (para os quais é preciso encontrar liquidades) se tornam uma evidência clara e vertiginosa do crescimento hiperexponencial¹⁶ das externalidades negativas.

Assim se impõe, na consciência de cada um, a urgência absoluta de encontrar uma saída para a sobrevivência planetária e de assegurar a salvação do gênero humano, enquanto que é totalmente evidente que o capitalismo financeiro é estruturalmente contraditório com este imperativo: ele *repousa* sobre o desenvolvimento generalizado da *irreponsabilidade*. Qual novo modelo industrial pode surgir de uma tal crise? Nossa resposta – aquela de *Ars Industrialis* e de três autores que se exprimem aqui em seu nome – é clara: este novo modelo é aquele das economias da contribuição, saídas da valorização racional e sistemática disto que surgiu enquanto se anunciava o fim do modelo consumista, a saber: *uma nova reticulação social*, tornada possível pelas tecnologias numéricas, em que se constituem diversas externalidades positivas, e na qual a figura do consumidor cai em desuso.

Que esta sociedade reticular – que começou a se formar em 1993, quando o *world wide web* se tornou acessível ao público mundial – induziu um processo de transformação revolucionário, nós não somos os primeiros a dizê-lo. Mas, em regra geral, aqueles

que se interessaram por isso, fizeram-no para tentar salvar por esta via o modelo consumista. Nós pensamos, ao contrário, que esta nova reticularidade torna caduco este modelo que esteve a serviço, inicialmente, da rede de autoestradas formada pela indústria automotiva e petroquímica, e, depois, de toda indústria organizada segundo este modelo – e que, ele mesmo tornado, caduco o modelo produtivista da máquina a vapor das redes ferroviárias da primeira revolução industrial.

Nossa tese é que as externalidades positivas¹⁷, tornadas possíveis pela reticularidade numérica, abrem a possibilidade de um desenvolvimento maciço de tecnologias do espírito, desenvolvimento portador de um modelo industrial fundado sobre uma economia da contribuição, em que é ultrapassada a oposição entre produção e consumo. E nós sustentamos que a economia da contribuição deve ser encorajada e sustentada contra os atores da economia consumista que tentam proteger suas rendas adicionais.

É porque nós preconizamos a execução de uma política industrial do espírito, o que nós chamamos uma *noopolítica*. Esta deve vir *se opor aos efeitos tóxicos do psicopoder*¹⁸, que foi desenvolvido pelo modelo consumista, e que arruinou a economia libidinal, e, com ela, as capacidades de sublimação, isto é, os frutos do espírito humano – engendrando o equívoco sistêmico pelo qual a humanidade se tornou autodestrutiva.

4. *Redes de autoestradas na rede numérica*

O primeiro ator político que se debruçou sobre a novidade radical das perspectivas abertas pelas redes numéricas é Albert Gore. Senador, ele fizera adotar no mês de novembro de 1991 um projeto de lei, o *High performance computing act*, promulgando a criação de uma rede de banda larga à serviço da pesquisa e da

17 As externalidades positivas (ou economias externas) designam as situações em que um ator é favorecido pela ação de terceiros sem que ele tenha que pagar.

18 Para o desenvolvimento aprofundado deste conceito, formado em estreito diálogo com o pensamento de Michel Foucault, cf. *Prendre soin. De la jeunesse et des générations*. Para uma apresentação resumida, cf. *Economie de l'hypermatériel et psychopouvoir*.

educação. Vice-presidente dos Estados Unidos, ele executou com William Clinton a estratégia da *National Information Infrastructure*, em 1993, e lançou o tema das “autoestradas da informação”. Tratava-se claramente de *autorizar, por uma política federal, uma mudança da indústria de referência*:

Do mesmo modo que a rede de autoestradas federais marcou uma virada história para o nosso comércio, as autoestradas da informação de hoje – capazes de transportar as ideias, os dados, as imagens através dos países e através do mundo – são essenciais para a competitividade e para a potência econômica da América¹⁹.

Justamente, um ano após a abertura de um acesso público mundial às redes numéricas ligadas entre elas através da norma TCP-IP, que funda o que nós conhecemos desde então como a rede internet (da qual a maior parte de nós ignora que existe há apenas quinze anos), e do fato da constituição da tecnologia da web, que foi concebida em 1992, no seio do Cern por Tim Berners Lee, o *world wide web* entrando no domínio público em 30 de abril de 1993, Clinton e Gore lançavam uma estratégia industrial de desenvolvimento da nova infraestrutura reticular que substituiria as redes de autoestradas da indústria metalúrgica, e que se deveria assim se tornar o elemento motor de um novo dinamismo industrial.

O mínimo que se pode dizer é que eles não se enganarão²⁰. E contrariamente às fábulas neoconservadoras e ultraliberais, eles mostraram que a visão política e a iniciativa pública são duas condições do progresso industrial. Existe no presente cerca de

19 William Clinton e Albert Gore, “Technology for America's Economic Growth. A New Direction to Build Economic Strength”. 22 de fevereiro de 1993. *Journal of Common Market Studies*, 31 (4) dezembro 1993, pp. 473-523.

20 Algumas cifras sobre o que se produziu em quinze anos: havia 130 sites web em junho de 1993, 623 em dezembro de 1993, 2.738 em junho de 1994, 10.022 em dezembro de 1994, 23.500 em junho de 1995, 230.000 em junho de 1996, 1 milhão em abril de 1997, cerca de 20 milhões em agosto de 2000, e mais de 176 milhões em agosto de 2008.

duzentos milhões de sites web acessíveis com o auxílio de navegadores e de motores de buscas dos quais o Google, o mais conhecido, tornou-se o gigante mundial-americano. Este novo ator industrial reina sobre uma infraestrutura tecnológica planetária, da qual nós veremos que, contrariamente às ideias recebidas que ainda dominam as mais altas esferas dos Estados e das organizações internacionais, longe de ser “imaterial”, ela supõe enormes investimentos em *hardware* – necessitando de potentes sistemas de resfriamento e consumindo enormes quantidades de energia elétrica.

Enquanto que a tecnocracia e o patronato franceses e europeus tagarelam, hoje mais do que nunca, sobre o “imaterial” - nós veremos com quais termos e com quais argumentos lendo *L'économie immatérielle*, um relatório enviado em novembro de 2006 por Maurice Lévy e Jean-Pierre Jouyet à Thierry Breton, quando ele era ministro francês da economia e das finanças, defendendo em nome desta nova fábula a continuidade do desengajamento do Estado, o reino absoluto da lei do mercado e a generalização das normas saídas da financeirização²¹ –, foi pela execução de uma estratégia industrial federal e a formação de um novo espaço público de dimensão planetária que, ao longo dos

21 Este relatório é um modelo da mediocridade a qual pode conduzir a inacreditável incultura das “elites” - e da ideologia cegadora e arruinante que pretende substituí-la. Não se trata somente da incultura que é induzida pelas desvalorização e pela regressão da cultura literária tanto quanto da cultura científica (sobre este assunto, cf. Etienne Klein, *Galilée et les Indiens*, Flammarion). É também uma consternante incultura econômica, em que se confunde a maior parte do tempo economia e administração, isto é, gestão, em que não se tem nenhuma visão macro-econômica (o que é, porém, a condição para começar um processo de ruptura, isto é, uma transformação de paradigma). É, igualmente, uma incultura tecnológica, se chamamos cultura não a lista de fatos – aqueles que relata a imprensa a cada dia -, mas uma compreensão dos processos evolutivos. Está aí o primeiro motivo do “declínio da França”, deplorado por Nicolas Baverez, e está aí também a causa da rigidez que bloqueia, com efeito, um modelo ultrapassado – que não é, porém, o “modelo francês”, como repetem à vontade os “declinistas” que se crêem “modernizadores”, mas o modelo consumista, do qual a versão francesa quebra talvez um pouco mais do que as outras porque os franceses a suportam talvez um pouco menos os efeitos tóxicos, mesmo se 81% dos americanos declaram que o consumo se tornou ruim para a América (enquete de Juliet Shchot publicada por *Adbusters*). A dita rigidez não se tornará ultrapassável senão quando aparecer na França um autêntico pensamento político e econômico, capaz de projetar um futuro desejável, fruto de uma compreensão real da época e da coragem que ela pode dar àqueles aos quais se endereça – totalmente ao contrário do populismo dominante tanto à direita quanto à esquerda.

anos 1990, a América soube retomar, sob a presidência de Clinton/Gore, o controle do devir industrial.

Tratava-se então de corrigir uma situação em que os Estados-Unidos tinham perdido seu leadership no domínio da indústria eletrônica, parcialmente em benefício da Europa, e, no essencial, em benefício do Japão e depois da Coreia²². Hoje, a dinâmica não está mais do lado desta eletrônica saída das tecnologias analógicas do audiovisual, mas do lado dos chips, processadores, programas, servidores e redes numéricas, por meio do que uma época totalmente diferente do audiovisual começa – e graças à qual se pode baixar, tanto em áudio como em vídeo, as conferências de Ars Industrialis. O Youtube, que pertence desde então à Google, tornou-se em 2008 um motor de busca muito utilizado pelas jovens gerações, e baseado no vídeo:

O Youtube se tornou recentemente o segundo motor de busca do mundo, de acordo com a Comscore (passando à frente da Yahoo!), com 344 milhões de visitantes...em julho de 2008, 75% dos internautas americanos assistiram a 5 bilhões de vídeos on line, ou seja, mais de 54 vídeos em média por pessoa e por mês, estima a Comscore²³

22 Cf MD 1. A estratégia Clinton/Gore de exploração de um novo tipo de infraestrutura, que constituía a rede de internet transformada em web, ligava, ela própria, àquela do multimídia, concebido desde o fim dos anos 1980 pela indústria de informática americana com a ajuda do exército americano e dos créditos de pesquisa pública, que ela canalizava e transferia em seguida para o domínio civil e industrial. Organizando, nesta época, um seminário sobre a inovação da universidade de Compiègne, em colaboração com a Cité des Sciences, e consagrando uma sessão para a televisão de alta definição, eu estava impressionado diante de Lionel Levasseur, economista, trabalhando então no serviço de estudo do INA, com a ausência de industriais americanos no debate sobre a norma D2MAC. Ele me respondeu que estes apostavam nas tecnologias numéricas multimídias (software e hardware) desde que eles tinham perdido os mercados de eletrônicos. É o que confirma Craig Mundie, vice-presidente da Microsoft, quando ele declara, em 1997, que sua empresa visava o audiovisual numérico – e o mercado que representava o bilhão de televisores então em funcionamento no mundo. No mesmo ano, em 3 de abril de 1997, a Federal Commission of Communications anunciava o fechamento das frequências analógicas em 2006 e a total passagem à numérica para as 3.8000 estações de rádio e de televisão americanas a partir de 2003.

23 Hubert Guillaud, “Quand YouTube remplacera Google”, Internetactu, 11/12/08, www.internetactu.net/2008/12/11/quand-youtube-remplacera-google

Dito de outra maneira, apesar dos dois mandatos no curso dos quais George W. Bush terá colocado seu país de joelhos, os Estados-Unidos sempre dominam o futuro do mundo industrial.

Contudo, numa obra recente, Albert Gore deplora um enfraquecimento da América induzido pelo caráter tóxico das mídias que se desenvolverão com o modelo consumista, de tal modo que o próprio sistema da democracia americana lhe parece ser corroído por um mal profundo, e que exige uma reação. Alguma coisa

tem andado mal na nossa democracia²⁴.

Escreve ele, comentando as proposições que Robert Byrde, senador da Virgínia, opunha ao silêncio do Senado justamente antes da invasão do Iraque:

A razão, a lógica e a verdade parecem...exercer um papell cada vez mais reduzido na forma pela qual a América toma, a partir de então, decisões importantes²⁵.

24

25